

“O cavalo líquido”: Como a filosofia contribui para a Medicina Veterinária



João Paulo Novelletto Pisa^a  e Denise Pereira Leme^a 

^aUniversidade Federal de Santa Catarina, Rod. Admar Gonzaga, 1346, Itacorubi 88034-000, Florianópolis, SC, Brasil.

RESUMO Os equinos são utilizados pelo ser humano por diversos motivos desde o início da civilização, sendo retirados da natureza para um novo modo de vida, que nem sempre condiz com sua animalidade. Atualmente, há movimentos para que os animais sejam tratados de forma mais ética, o que coloca os médicos veterinários como sujeitos importantes para garantirem que isto aconteça; e para isto, precisam de uma formação reflexiva. O objetivo deste estudo foi fazer uma mini-revisão para mostrar como a filosofia pode contribuir com a medicina veterinária, principalmente na reflexão sobre o ser animal, a ética no uso dos equídeos e para nossa sociedade, nas questões que envolvem animais não-humanos.

PALAVRAS-CHAVE bioética; devir-equino; one welfare.

Aceito 19 de novembro de 2020 Publicado online 08 de dezembro de 2020

Cite este artigo: Pisa JPN (2021) “O cavalo líquido”: Como a filosofia contribui para a Medicina Veterinária. *Multidisciplinary Reviews* 4: e2021001. DOI: 10.29327/multi.2021001

“The Liquid Horse”: How philosophy contributes to Veterinary Medicine

ABSTRACT Human beings use horses for various purposes since the beginning of civilization, after removing them from nature for a new way of life, which is not always consistent with their animality. Currently, there are movements for animals to be treated ethically, in which veterinarians are important to ensure that these movements happen, and for that, it is needed a reflective education. The objective of this study to show how philosophy can contribute to veterinary medicine, mainly for the reflection about the animal, the ethics in its use, and the whole society, about issue involving non-human animals.

KEYWORDS: bioethics; becoming-horse; one welfare.

Introdução

A filosofia pode ser um caminho para pensar os equídeos, assim como a ética no do uso deles as relações humanas sociais com os outros animais. Na nova matriz para os cursos de graduação em Medicina Veterinária, há a inserção de disciplinas das ciências humanas e sociais para a formação do médico veterinário, assim como da ética e do bem-estar animal dentro das matérias no geral. Tudo isto para formar um profissional mais crítico, com mais consciência e atuante na sociedade (Brasil 2019). Atualmente, há veterinários empenhados em construir o novo campo da veterinária voltando o olhar para as ciências humanas (Network Veterinary Humanities 2020); como também movimentos que englobam o bem-estar animal, humano e ambiental numa visão unitária e sistêmica, o “one welfare” (Pinillos et al 2016).

Na filosofia, a figura do animal não-humano por vezes está presente. O filósofo *Nietzsche* teve uma passagem marcante de sua vida, na Itália, quando viu um cavalo sendo maltratado, espancado pelos seus tutores e foi ao pescoço do animal demonstrar seu sentimento, embora muitos o diagnosticaram como um louco, talvez por conta da sífilis (Henriques 2018), parece que há um pouco de compaixão deste pensador ao sofrimento dos equinos. Para Schopenhauer, a compaixão levaria à ética (Hayashi 2018) e seria esta discussão no campo da ética uma das principais

contribuições que a filosofia pode dar à equinocultura, assim como toda a discussão para uma criação voltado ao bem-estar animal (Bruckner 2019).

Levando em consideração esta importância, este artigo no formato de mini-revisão tem como objetivo a discussão filosófica sobre os equídeos e sua interação com o ser humano, como também, contribuir para a reflexão da formação de profissionais veterinários do meio equestre de acordo com as matrizes federais.

O cavalo existe?

No livro “O mundo de Sofia” de Jostein Gaarder (2012), reflete-se sobre o “ser” cavalo. A personagem disse ao filósofo Platão que não há dois cavalos iguais no mundo, mas talvez o objetivo do filósofo tenha sido provocar nela a ideia de que o cavalo é sempre um cavalo, mesmo eles sendo fisicamente diferentes; pois, possuíam traços em comum. Havia algo que se pode ver e reconhecer, que era um equino, e por mais que um indivíduo mudasse, sua forma era imutável e eterna. Então, Platão deu o nome de ideias para as formas

Duvidar da existência do cavalo parece ser algo ridículo, mas na verdade, é em tom de ironia, o que não deixa de ser uma forma de provocar o pensamento. Quando se põe em dúvida a existência do equino, não se coloca ele como objeto físico, mas como ser natural em oposição ao ser contemporâneo, transformado pelo ser humano, a partir das necessidades humanas. Ora, ele é um animal natural com sua biologia e seu modo de ser, isto é, seu comportamento natural de cavalo. Porém, o ser humano o usou para diversas funções: da guerra à alimentação, do transporte ao esporte. E isto, mudou a vida natural dos cavalos, que foi de animais que vivem em grandes áreas para animais que vivem em baias e, às vezes, sem contato com outro equino e sem poder obter seu alimento do ambiente; e por consequência, ocorrem doenças e comportamentos anômalos (Fraser 1992). Logo, a reflexão que pode ser feita é não apenas ver a existência física do equino, mas o seu “eu” natural. Ou melhor ainda, no seu bem-estar e saúde integral.

Nesta linha de pensamento, há o conceito de devir-equino no qual os pensadores Deleuze e Guattari (1997) dissertam, mesmo que haja neles o pensamento do ser humano como se transformando em um ser equino, há um trecho onde comentam que entre um cavalo e outro animal pode haver menos diferenças do que entre outros dois equinos, com funções diferentes para o ser humano. Em resumo, é possível imaginar que dois equinos em funções distintas se diferem tanto entre si, mesmo sendo da mesma espécie. Pode-se pensar na questão do treinamento ou até mesmo do corpo físico, por exemplo, de um equino da raça Quarto de Milha que pratica a prova de três tambores e um animal da raça Brasileiro de Hipismo que pratica a modalidade de salto, ou um cavalo de tração numa região de baixo desenvolvimento. Tanto a subjetividade como sua forma física foram transformadas e adaptadas para que eles desempenhem suas funções ao ser humano, que não são mais para sobreviverem no meio ambiente.

Por conta dessa fluidez do ser equino que o título deste artigo “O Cavalo Líquido” remonta a ideia de liquidez do filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman. Na sua teorização o mundo sólido é algo que não se sustenta mais, em vez disto no mundo moderno tudo é dissolvido, o que torna tudo mais fluido, muito por causa das pressões e padrões sociais de consumo (Silva et al 2015). O equino seria tanto um produto da volatilidade contemporânea como um ser que sofre por causa dela (como uma mercadoria), assim como o ser humano, mesmo que não haja participação dos equinos na política e no Estado, mas esta fluidez de ser, da construção, da desconstrução e da reconstrução do que é o cavalo pode ser usada como análoga. Aliás, a modernidade e o consumo parecem que provocaram o devir desta espécie, sendo este mais um ponto que pode ser pensado futuramente.

Uso ético dos cavalos e a interação com os humanos

Para o pesquisador da área de bem-estar e comportamento equino, McCreevy (2004), parece que estes animais não-humanos tratados neste artigo são os que mais podem aguentar o sofrimento ou ainda, os abusos, em que o ser humano os coloca. Contudo, ele deixa bem claro que isto não é algo eticamente aceitável de ser fazer. Ética é um ramo da filosofia, onde se contesta as atitudes a partir de uma reflexão do que é certo ou errado. Sendo assim, uma forma para não praticar a banalidade do mal (Andrade 2010), um conceito importante dentro do universo das ciências

humanas, desenvolvido pela Hannah Arendt ao ver o julgamento de Eichmann, em Jerusalém. Esse homem participou ativamente na morte de centenas de pessoas no campo de concentração nazista Auschwitz. Em sua defesa, ele apenas disse ser uma pessoa comum, com o vazio de pensamento, e respondia com frases feitas. Ele era apenas alguém que cumpria o seu trabalho, sem pensar no que realmente fazia. O que pode ser comparado quando os apoiadores da causa animal colocam alguns criadores contra a parede sobre seus atos com seus dos equinos, pois há sempre os argumentos de economia, cultura, memória afetiva, não sabia como era para fazer e por aí vai. Mas, os animais não-humanos continuam sofrendo com certas práticas, enquanto argumentos tangentes abafam o ponto central da questão, o sofrimento animal.

Por outro lado, há a busca do tratamento mais ético para com as questões dos animais não-humanos, de forma geral. Há décadas, pesquisadores se esforçam para que a ciência do Bem-estar Animal seja cada vez mais atualizada e aplicada; com uso de indicadores de bem-estar equino (Viksten et al 2016), estimulados pela Organização Internacional da Saúde Animal (OIE 2020) e também no Brasil, pelo Manual de Boas Práticas na Equinocultura (2017) e para o Bem-estar Animal em Competições Equestres (2015). Além disso, dentro das próprias associações de criadores de diversas raças há uma tentativa de se construir um ambiente melhor e com mais qualidade de vida para os equinos. E com isto, os profissionais da medicina veterinária devem estar atentos a sua função e na construção transdisciplinar para poderem exercer seu trabalho nesta nova realidade, que possivelmente deverá ser o resultado do mundo líquido ou apenas, de mais pessoas conscientes, sensíveis e empáticas com o sofrimento dos animais em geral.

A filosofia pode ser um caminho para entender as relações entre os equídeos e os seres humanos. Não há como separar ou anular o ser humano quando se estuda a questão dos animais não-humanos, pois eles são parte da vida e da sociedade. Uma das relações urgentes é a violência que, visto pela ótica de Adorno (1995), pode estar envolvida com uma criação dos humanos baseados na frieza, onde o emocional das pessoas é recalcado; suas tristezas e a empatia pelo próximo, inclusive. Mas, ainda dentro desta reflexão, é importante pensar sobre: quem foi forjado assim não aceita que o outro seja construído de uma maneira mais “amorosa”. Ao que parece, a própria ideia de violência é anulada, na verdade, ela é normalizada. Outro caminho seria a psicanálise, tanto em vista do indivíduo em sua psique, ou para sociedade como um todo. Pensar sobre o animal não-humano virar um objeto de projeção do ser humano (transferência) e o que leva uma pessoa a tratar de forma humanizada os animais não-humanos ou causar o sofrimento neles (Fernandes 2015). E talvez, que animal não-humano pode ou não ter o humano como um objeto de transferência, já que muitos animais por serem sociais criam laços (Fraser, 1992); e por estarem juntos, humano e não humano, pode haver a necessidade projetada na espécie animal humana; o que poderia levar a crer no afeto pelas pessoas, como se fossem um outro equino, talvez.

Por fim, existem diversos pensadores nas ciências humanas e sociais que podem contribuir para a construção destas discussões atuais e que envolvem toda a sociedade.

Neste estudo, foi utilizado o equino como exemplo, porém, todos os animais não humanos, incluindo os selvagens, que vivem nas matas, estão sob interferência dos seres humanos ou da tutela do Estado, e de alguma forma, são utilizados pelas pessoas. Então, este trabalho deixa um convite para que cada um, em seu trabalho e em sua realidade, pense mais profundamente as questões inerentes as suas próprias interações com os animais não-humanos, com toda sua complexidade, e busquem respostas não só na fisiologia, patologia, ou exames clínicos, mas também no pensar filosófico de todas estas questões. Fazer refletir sobre a existência dos equinos, na sua inserção na sociedade humana e a provocação ética que está envolta dela.

Considerações Finais

Os equinos estão sendo tratados como uma massinha de modelar, onde cada indivíduo humano os molda como quer, e isto pode trazer danos físicos e mentais a eles. Por isso, a necessidade cada vez maior de médicos veterinários terem em sua formação uma base que promova o pensamento crítico e o entendimento cidadão, para atuarem em uma sociedade cada vez mais fluida e com pessoas de ideologias divergentes, e ainda, pensar na saúde integral de todos os animais em meio a tudo isto. Apenas pensar na clínica, cirurgia e outras áreas de atuação em contextualização social não está sendo suficiente.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado e a Sandra Eloisa Pisa Bazzanella pela revisão do texto e sugestões.

Declaração de conflito de interesse

O autor declara que não há conflitos de interesse.

Referências

- Adorno TW (1995) Educação após Auschwitz. In: Educação e Emancipação. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Andrade M (2010) A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. Revista Brasileira de Educação 15. doi: 0.1590/s1413-24782010000100008.
- Brasil (2019) Resolução nº 3, de 15 de agosto de 2019. Acessado em: 15 de setembro de 2020.
- Bruckner DW (2019) Philosophy and animal welfare science. Philosophy Compass. Doi: 10.1111/phc3.12626
- Deleuze G, Guatarri F (1997) Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, volume 4. Editora 34, São Paulo.
- Fernandes M (2015) Cara de um, focinho de outro. Editora Butterfly, São Paulo.
- Fraser AF (1992) The Baheviur of the Horse. CAB Internacional, Wellingford.
- Gaarder, J (2012) O mundo de Sofia: Romance da história da filosofia. Companhia das Letras, São Paulo.
- Hayashi Y (2018) A estrutura da Ética da Compaixão de Schopenhauer em relação à Filosofia Transcendental. Revista de Filosofia Aurora. doi: 10.7213/19805934.30.049.ds12.
- Henriques RP (2018) O colapso de Turim: patografias de nietzsche e racionalidades médicas. Ciência & Saúde Coletiva. doi: 10.1590/1413-812320182310.25602016.
- McGreevy P (2004) Equine behavior. Elsevier Limited, London.
- Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento (MAPA) (2017) Manual de Boas-Práticas de Manejo em Equideocultura. MAPA/ACE/CGCS, Brasília.
- Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento (MAPA) (2015) Manual de boas práticas para o bem-estar animal em competições equestres. MAPA, Brasília.
- Network Veterinary Humanities (2020) Blog Veterinary Humanities. Acessado em: 15 de Setembro de 2020.
- OIE (2020) Welfare of working equids. Acesso em: 15 de Setembro de 2020.
- Pinillos RG, Appleby MC, Manteca X, Scott-Park F, Smith C, Velarde A (2016) One Welfare- A platform for improving human and animal welfare. Veterinary Record. doi: 10.1136/vr.i5470.
- Silva RB, Mendes JPS, Alves RSL (2015) The liquid concept in Zygmunt Bauman: contemporaneity and production of subjectivity. Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social. doi:10.5565/rev/athenea.1511.
- Viksten, SM, Visser, EK, Blokhuis HJ (2016) A comparative study of the application of two horse welfare assessment protocols. Acta Agriculturae Scandinavica, Section A — Animal Science. Doi: 10.1080/09064702.2016.1186726.